

FLC0257 - Literatura Latina: Elegia– Turma 2021104 – Terça-feira às 10h
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Prof. Dr. Paulo Martins

Aula 1

A. Textos-base:

- a. Hegel, F. *Estética III. Poesia*. Trad. de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores. pp. 221-262.
- b. Thorsen, Thea S. (2013) “Introduction. Latin Love Elegy”. *The Cambridge Companion to Latin Love Elegy*. Cambridge: Cambridge University Press. 1-20.
- c. Farrell, Joseph. (2021). “Calling out the Greeks: Dynamics of Elegiac Canon” . Gold, B. K. *A Companion to Roman Love Elegy*.pp. 11-24.
- d. Hansen, João A. (2009). “Vbi amor, ibi oculi” Martins, P. *Elegia Romana. Construção e Efeito*. São Paulo: Humanitas. pp. 11-17.

B. Aspectos Introdutórios

- a. Elegia e Modernidade

Manuais de Literatura e Dicionários atestam a elegia atual, digamos moderna no sentido amplo, e mesmo aquela praticada no século 19 como **o lamento, a nênia, a querimônia, o queixume**. A bem da verdade, muita vez, incluem a elegia como subgênero lírico, afeito, pois, à **subjetividade**.

- “A poesia épica nasceu do **prazer de ouvir** o relato de uma ação estranha que se desenrola, na forma de uma totalidade objetiva completa, ante **a consciência do ouvinte**. A poesia lírica satisfaz uma necessidade completamente oposta: a de perceber o que sentimos, as nossas emoções, os nossos sentimentos, as nossas paixões, mediante a linguagem e as palavras com o que revelamos ou objetivamos. (...) O lirismo restringe-se ao **homem individual** e, conseqüentemente, **às situações e aos objetos particulares**. O conteúdo da poesia lírica é, pois, a maneira como a alma com seus juízos subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações, toma consciência de si mesma no âmago deste conteúdo. Graças a tal caráter de particularidade e de individualidade que constitui a base da poesia lírica, o conteúdo pode oferecer uma grande variedade e ligar-se a todos os assuntos da vida social.” (Hegel, p. 221)
- “(...) **o lírico** deve ser **dotado de uma natureza essencialmente poética**, ter uma rica fantasia, possuir grande sensibilidade e profundos pensamentos, enfim, ser portador de um mundo interior completo, sem a mínima relação de dependência com a prosa. Estas circunstâncias conferem ao poema lírico **uma unidade (...) proveniente da reflexão e das disposições do espírito**; depois de se ter expandido interiormente, **o poeta projeta sua alma no mundo exterior**, sob forma de quadros descritivos, ou então, interessa-se por um objeto qualquer e, dado o caráter puramente subjetivo deste interesse, adquire o direito de começar ou acabar onde, quando e como lhe aprouver.” (Hegel, p. 224).
- “O elemento subjetivo da poesia lírica revela-se mais explicitamente, quando um acontecimento ou uma situação real se oferecem ao poeta de mero pretexto para exprimir o íntimo pensamento; mera ficção, como se esta ou aquela circunstância, este ou aquele acontecimento desencadeasse no poeta certos sentimentos até então latentes. É o caso das chamadas *poesias de circunstância*. Calíno e Tirteu, por exemplo, cantaram elegias guerreiras em circunstâncias reais que lhes serviram de ponto de partida e pelas quais pretendiam obter o aplauso do auditório; todavia, na sua individualidade subjetiva e nos seus próprios sentimentos, **os poetas não cultivaram a elegia com grande evidência**. (Hegel, p. 227)
- “Embora o poeta possa tomar (...) **outras circunstâncias e pretextos reais suscetíveis de provocarem uma efusão lírica**, não deixa de ser verdade que **o poeta vai constituindo por si mesmo um mundo subjetivo completo**, e que, afinal de contas, é nele mesmo que deverá procurar o príncipe e o **motivo da sua inspiração** e, por conseguinte, **obedecer** antes de tudo **aos impulsos**

Diretoria

Rua do Lago, 717, sala 100| Prédio da Diretoria e Administração | Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-080
Tel: (11) 3091.4782 | www.fflch.usp.br | paulomar@usp.br



do próprio coração e do espírito. O homem, ciente da sua subjetiva interioridade, vê-se a si próprio e **torna-se** para si mesmo, **uma obra de arte**.” (Hegel, 229-230).

- Drummond de Andrade, Carlos. (2004). “Elegia” . *Fazendeiro do Ar. Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. pp. 410-412.

Ganhei (perdi) meu dia.
E baixa a coisa fria
também chamada noite, e o frio ao frio
em bruma se entrelaçam, num suspiro.

E me pergunto e me respiro
na fuga deste dia que era mil
para mim que esperava,
os grandes sóis violentos, me sentia
tão rico deste dia
e lá se foi secreto, ao serro frio.

Perdi minha alma à flor do dia ou já perdera
bem antes sua vaga pedraria ?
Mas quando me perdi, se estou perdido
antes de haver nascido
e me nasci votado à perda
de frutos que não tenho nem colhia ?

Gastei meu dia. Nele me perdi.
De tantas perdas uma clara via
por certo se abriria
de mim a mim, estrela fria.
As arvores lá fora se meditam.
O inverno é quente em mim, que o estou berçando
e em mim vai derretendo
este torrão de sal que está chorando.

Ah, chega de lamento e versos ditos
ao ouvido de alguém sem rosto e sem justiça,
ao ouvido do muro,
ao liso ouvido gotejante
de uma piscina que não sabe o tempo, e fia
seu tapete de água, distraída.

E vou me recolher
ao cofre de fantasmas, que a notícia
de perdidos lá não chegue nem açule
os olhos policiais do amor-vigia.
Não me procurem que me perdi eu mesmo
como os homens se matam, e as enguias
à loca se recolhem, na água fria.

Dia,
espelho de projeto não vivido,
e contudo viver era tão flamas
na promessa dos deuses; e é tão ríspido
em meio aos oratórios já vazios
em que a alma barroca tenta confortar-se
mas só vislumbra o frio noutra frio.

Meu Deus, essência estranha
ao vaso que me sinto, ou forma vã,
pois que, eu essência, não habito
vossa arquitetura imerecida;
meu Deus e meu conflito,
nem vos dou conta de mim nem desafio
as garras inefáveis: eis que assisto
a meu desmorte palmo a palmo e não me aflijo
de me tornar planície em que já pisam
servos e bois e militares em serviço
da sombra, e uma criança
que o tempo novo me anuncia e nega.

Terra a que me inclino sob o frio
de minha testa que se alonga,
e sinto mais presente quando aspiro
em ti o fumo antigo dos parentes,
minha terra, me tens; e teu cativo
passeias brandamente
como ao que vai morrer se estende a vista
de espaços luminosos, intocáveis:
em mim o que resiste são teus poros.
E sou meu próprio frio que me fecho
Corto o frio da folha. Sou teu frio.

E sou meu próprio frio que me fecho
longe do amor desabitado e líquido,
amor em que me amaram, me feriram
sete vezes por dia em sete dias
de sete vidas de ouro,
amor, fonte de eterno frio,
minha pena deserta, ao fim de março,
amor, quem contaria ?
E já não sei se é jogo, ou se poesia.

- Donne, John (1968) “Elegie: Going to Bed”. Campos, Augusto; Campos, Haroldo. *Traduzir e Trovar* (poetas dos séculos XII a XVII). São Paulo: Papyrus. [1968]. pp. 122-125.
- Campos, Augusto (1986) *Anticrítico*. São Paulo: Cia. das Letras. pp. 54-57.

Diretoria

- Campos, Augusto; Cavalcante, Péricles (1979) “Elegia” Veloso, Caetano. *Cinema Transcendental*. (1979)

<i>John Donne – Elegie going to bed</i>	Augusto de Campos – Elegia indo para o leito
<p> <i>Come, Madam, come, all rest my powers defy; Until I labour, I in labour lie. The foe ofttimes, having the foe in sight, Is tired with standing, though he never fight. Off with that girdle, like heaven's zone glittering, But a far fairer world encompassing. Unpin that spangled breast-plate, which you wear, That th' eyes of busy fools may be stopp'd there. Unlace yourself, for that harmonious chime Tells me from you that now it is bed-time. Off with that happy busk, which I envy, That still can be, and still can stand so nigh. Your gown going off such beauteous state reveals, As when from flowery meads th' hill's shadow steals. Off with your wiry coronet, and show The hairy diadems which on you do grow. Off with your hose and shoes ; then softly tread In this love's hallow'd temple, this soft bed. In such white robes heaven's angels used to be Revealed to men ; thou, angel, bring'st with thee A heaven-like Mahomet's paradise ; and though Ill spirits walk in white, we easily know By this these angels from an evil sprite; Those set our hairs, but these our flesh upright. Licence my roving hands, and let them go Before, behind, between, above, below. O, my America, my Newfoundland, My kingdom, safest when with one man mann'd, My mine of precious stones, my empery; How am I blest in thus discovering thee ! To enter in these bonds, is to be free ; Then, where my hand is set, my soul shall be. Full nakedness ! All joys are due to thee; As souls unbodied, bodies unclothed must be To taste whole joys. Gems which you women use Are like Atlanta's ball cast in men's views ; That, when a fool's eye lighteth on a gem, His earthly soul might court that, not them. Like pictures, or like books' gay coverings made For laymen, are all women thus array'd. Themselves are only mystic books, which we —Whom their imputed grace will dignify — Must see reveal'd. Then, since that I may know, As liberally as to thy midwife show Thyself; cast all, yea, this white linen hence; There is no penance due to innocence : To teach thee, I am naked first; why then, What needst thou have more covering than a man?</i> </p>	<p> Vem, Dama, vem, que eu desafio a paz; Até que eu lute, em luta o corpo jaz. Como o inimigo diante do inimigo, Canso-me de esperar se nunca brigo. Solta esse cinto sideral que vela, Céu cintilante, uma área ainda mais bela. Desata esse corpete constelado, Feito para deter o olhar ousado. Entrega-te ao torpor que se derrama De ti a mim, dizendo: hora da cama. Tira o espartilho, quero descoberto O que ele guarda, quieto, tão de perto. O corpo que de tuas saias sai É um campo em flor quando a sombra se esvai. Arranca essa grinalda armada e deixa Que cresça o diadema da madeixa. Tira os sapatos e entra sem receio Nesse templo de amor que é o nosso leito. Os anjos mostram-se num branco véu Aos homens. Tu, meu anjo, és como o céu De Maomé. E se no branco têm contigo Semelhança os espíritos, distingo: O que o meu anjo branco põe não é O cabelo mas sim a carne em pé. <i>Deixa que a minha mão errante adentre Atrás, na frente, em cima, em baixo, entre. Minha América! Minha terra à vista, Reino de paz, se um homem só a conquista, Minha mina preciosa, meu Império, Feliz de quem penetre o teu mistério! Liberto-me ficando teu escravo; Onde cai minha mão, meu selo gravo. Nudez total! Todo o prazer provém De um corpo (como a alma sem corpo) sem Vestes. As jóias que a mulher ostenta São como as bolas de ouro de Atalanta: O olho do tolo que uma gema inflama Ilude-se com ela e perde a dama. Como encadernação vistosa, feita Para iletrados, a mulher se enfeita; Mas ela é um livro místico e somente A alguns (a que tal graça se consente) É dado lê-la. Eu sou um que sabe; Como se diante da parteira, abre- Te: atira, sim, o linho branco fora, Nem penitência nem decência agora. Para ensinar-te eu me desnudo antes: A coberta de um homem te é bastante.</i> </p>

Campos, Augusto (1986) *Anticrítico*. São Paulo: Cia. das Letras. pp. 78-79.

The Expiration – John Donne

A Expiração – Augusto de Campos

Diretoria

Rua do Lago, 717, sala 100| Prédio da Diretoria e Administração | Cidade Universitária | São Paulo-SP | CEP 05508-080
 Tel: (11) 3091.4782 | www.fflch.usp.br | paulomar@usp.br



*So, so, leave off this last lamenting kiss
which sucks two souls, and vapours both away
turn thou ghost that way, and let me turn this,
and let our selves benight our happy day
we ask'd none leave to love; nor will we owe
any, so cheap a death, as saying, Go;*

*go; and it that word have not quite killed thee
ease me with death, by bidding me go too.
Oh, if it have, let my word work on me,
and a just office on a murderer do.
Except it be too late, to kill me so,
Being double dead, going, and bidding, go.*

Susta ao beijo final a fome de beijar
que as duas almas suga e a ambas evapora
e, fantasmas do amor, fantasiados de ar
façamos nós a noite em nosso dia agora;
amar não custou nada, nada vai custar
a morte que eu te dou, dizendo: - Vai embora

- Vai! Se este som mortal não te matar por fim,
Dá-me tal morte então, mandando-me partir.
Ai! Se matar, que som igual ressoe em mim
e ao matador que eu fui também o mate assim,
se não matar demais, por me fazer sentir
dobrada a morte e dor, indo e mandando ir.

b. Questões gerais da Elegia Antiga

- Ainda que a Elegia Latina tenha subsistido ao tempo, passando pela Idade Média, Renascimento, Modernidade, etc e a história da sua recepção seja riquíssima, o período de sua constituição como gênero autônomo em Roma é assustadoramente breve. O *corpus* da elegia latina amorosa foi fabricado por grupo relativamente pequeno de poetas que tiveram sua atividade registrada por 50 anos na Roma antiga, na transição da República – com Catulo e Galo – para o principado (não monarquia) de Augusto que finda em 14 d.C. – com Tibulo, Propércio e Ovídio. (Thorsen, p. 1)
- Os elegíacos eróticos latinos reviveram e refinaram uma forma preexistente de arte – um sistema métrico conhecido como elegia, atestado na Grécia antiga a partir de 700 a.C. Esta **forma poética**, disse **forma**, se acomodou surpreendentemente a um enorme rol de temas. Entretanto, à época em que os elegíacos romanos estavam em atividade a elegia que tinha sido principalmente associada à perda e ao lamento. O grande avanço dos elegíacos eróticos romanos foi a aderência do tema do lamento ao erótico. (Thorsen, pp.1-2)
- O amor na elegia romana representa um momento decisivo na história da literatura do ocidente

Diretoria